

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

ELMO AMADOR
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - História e memória das comunidades de Manguinhos

Entrevistado - Elmo Amador (EA)

Entrevistadores - Fátima Piveta, Tânia Fernandes (TF), Renato e Marcelo Fico (MF), e Fábio de Souza (FS)

Data – 08/09/2005

Local – Rio de Janeiro/RJ

Duração – 1h24min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

AMADOR, Elmo. *Elmo Amador. Entrevista de história oral concedida ao projeto História e memória das comunidades de Manguinhos*, 2005. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 43p.

Data: 08/09/2005

Fita 1 – Lado A

TF – Entrevista com o professor Elmo Amador, no dia 08 de setembro de 2005, para o Projeto (*Deris?*). Entrevistado por Fátima Piveta, Tânia Fernandes, Renato e Marcelo Fico, e Fábio. Fita número 1. (*pausa na gravação*)

MF – Como eu já havia lhe explicado, a gente tentou fazer essa (?) já há muito tempo, inicialmente intermediada pelo Sérgio Ricardo, (*etc.?*), que a gente se conhece há longo tempo. Nós fazemos parte, somos todos pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz. Fazemos parte de um projeto chamado Laboratório Territorial de Manguinhos, que é coordenado pela Fátima Piveta. É um projeto que tem uma perspectiva comunitária, participativa, de envolver conjuntos de pesquisadores e moradores jovens, né? O Tiago é a pessoa que está trabalhando mais diretamente comigo na formulação de um mapa da Saúde Ambiental. E nós estamos agora fazendo uma interface com o grupo da História, que tem pesquisadores dos dois (*falam ao mesmo tempo*), os dois (?).

EA – É, né?

MF – O Renato e a Tânia estão recobrando a história das comunidades. Existem cerca de 11 favelas na região. A perspectiva é construir, junto com os jovens e algumas lideranças comunitárias que participam do nosso projeto, uma produção de conhecimento, e construção de alternativas de participação e de formulação de alternativas do que é que aquela população, junto com instituições, influenciando o poder público, podem fazer para reverter problemas de saúde ambiente e problemas gerais de cidadania naquela região, que é uma região especialmente vulnerável, né, muito complicada: a violência, a falta de infraestrutura, a poluição, a proximidade de áreas de risco, do lado da Refinaria, etc. E existe, atualmente, um trabalho interdisciplinar que foi desenvolvido e participativo junto com esses jovens e essas lideranças. E os pesquisadores que se envolveram nesse projeto têm três vertentes atualmente, que é a formação de um mapa da comunicação, uma tentativa de entender os discursos sobre Meio Ambiente, sobre Saúde e Meio Ambiente, que as comunidades produzem; o mapa da história, né, que a Tânia e o Renato estão envolvidos, que é um trabalho muito bonito, de resgatar com entrevistas junto à população, pessoas mais velhas, documentação, a história das ocupações, a história das comunidades, etc.; e o mapa da Saúde Ambiental, que (?) fazer relação entre os problemas ambientais e os problemas de saúde da população. E, nesse desenvolvimento, a gente teve a idéia de pensar num mapa da história ambiental de Manguinhos, fazendo já uma junção entre as discussões dos problemas ambientais e de saúde da região, e de degradação ambiental, com a própria história daquele território, né, pra pensar... ter mais clareza de ter uma visão global, e pensar, um pouco, alternativas. E também tem todo um trabalho de resgate porque é um dos grandes, né, também, objetivos de trabalho de qualquer dessas populações que ocupam e que vivem na periferia, elas não se sentem muito presentes naquele território, aquele

território é sempre... a área pública é do outro, é de ninguém, é de todo mundo, não é de ninguém... Já vão pra uma área que é chamada de zona de sacrifício, de área degradada, numa área violenta, então, não têm um pouco a dimensão do que é que já foi ambientalmente aquela área e o que é que eventualmente poderá vir. Então, o que a gente veio conversar em primeira... assim, como prioridade, é não propriamente saber da história ambiental da Baía de Guanabara, mas é, com toda a sua experiência, que é... me parece a principal autoridade em termos de Baía de Guanabara nesse momento, essa é a nossa referência, como poder entender as diferentes fases de evolução ambiental, especialmente daquela região de Manguinhos, que tem muito a ver com a história da Baía de Guanabara, remontando aos tempos em que aquilo era um ecossistema natural, com a presença eventualmente humana indígena, até o momento seguinte, que você tem as primeiras fazendas ou plantações que não chegam a atingir àquela região de manguezal, e que não chegam também a produzir grandes degradações, que nós até agora sabemos, uma criação de porto, mas, principalmente, a partir do século XIX, início do século XX, que a gente tem, então, alguns acontecimentos muito fortes ali: a própria linha de trem, que vai ser muito importante para a degradação ambiental que vem as jusantes do Jacaré, Faria-Timbó, posteriormente o Canal do Cunha, né, toda a região, toda, depois, em seguida, em 1900, no início da construção da Fundação Oswaldo Cruz, com o Instituto Soroterápico, né, que vai virar o Instituto Oswaldo Cruz, e posteriormente a gente tem todas as fases seguintes, que começam com o aterro da Avenida Brasil, com a criação de algumas áreas industriais, a própria Avenida Brasil, de tal maneira que quando as primeiras comunidades surgem depois da primeira... do Instituto Oswaldo Cruz, que já é na década de 40, a gente já tem uma região altamente degradada. A Refinaria e outras fábricas, e a própria ocupação específica de Manguinhos, elas já vão apenas radicalizar o processo. E a gente tem um biólogo muito importante, que deve ser do seu conhecimento, que é o (*falam ao mesmo tempo*)...

EA – Eu sei, é.

MF - ... de Oliveira, e a gente tem trabalhado. O Tiago fez a leitura de todos os artigos importantes dele, que falam da Baía de Guanabara, em que ele vai registrando, principalmente através de fauna marinha, todo o processo de degradação que no final da década de 20 já era muito intenso. Então, o que a gente gostaria de conversar nesse tempo que a gente tem, e as pessoas vão interagir, é um pouco como você vê essa fase inicial da degradação da Baía de Guanabara, a contribuição dessa região específica de Manguinhos, ali, desde os rios Jacaré, Faria-Timbó, e como você vê essas várias fases de degradação. E, mais lá na frente, a gente começa a falar também de perspectivas, qual é a sua visão, mais ou menos otimista ou pessimista, ou alternativas, e aí, quem sabe, trocar um pouco de bola sobre essa relação entre a possibilidade da comunidade também ter algum tipo de consciência do passado que ela nunca sequer viveu, mas com a perspectiva de que futuro é possível construir nessa região, pensando em cenários futuros, até em termos de reconstituição possível, que nunca vai ser de novo o que era, mas o que seria possível pensar numa área minimamente razoável, por exemplo: a Refinaria vai fechar. Se ocupa com um centro cultural comunitário? O que é que é possível de se restaurar naquela região? Bom, é essa... em linha geral é isso.

EA – Bom, maravilha esse poder de... de síntese, maravilhosa. Bem, a minha atuação é Baía de Guanabara, né? Eu me preocupei com a construção do espaço físico, Baía de Guanabara, seus ecossistemas, suas reentrâncias, de seus recortes, e depois, com a desconstrução, né, com os processos de degradação. Bem, em termos, assim, de reconstrução, qual o marco zero daquela área? O que é que seria aquela área? A área que a gente fala é a Enseada de Inhaúma, incluindo o arquipélago do Fundão, não é, que são indissociáveis, né, o arquipélago do Fundão e Inhaúma são indissociáveis. Bem, tem que primeiro lembrar que era um... foi uma enseada, né, importante, uma das vinte enseadas da Baía de Guanabara. Hoje a Baía de Guanabara tem só oito, né, as outras, para vocês terem uma idéia, morreram. Era similar à enseada do Saco de São Diogo, do centro histórico do Rio, agora, diferentemente do Saco de São Diogo, que foi sendo destruído muito lentamente, desde o século XVI, com os primeiros contatos dos colonizadores, né, foram eventos muito lentos – depois, aí, muito mais tarde, Dom João VI... que era passagem, os aterros graduais, né, que culminaram, praticamente, com a destruição, no início do século XX, com as obras do cais do porto, né, no período Pereira Passos, né, foi praticamente o final, né, da Enseada de São Diogo – diferentemente, a Enseada de Inhaúma só vem... só passou a ser destruída no século XIX, né? Até o século XIX... Eu digo assim, em termos de ambiente costeiro, natural, com seus ecossistemas e praias. É claro que no miolo do... no interior já existiam os engenhos de cana-de-açúcar, né, dos jesuítas, os diversos engenhos, que já produziam um desmatamento grande das áreas baixas, né, das áreas planas e baixas em toda a região. Então, esse é o primeiro paralelo. É um... A Enseada de Inhaúma é praticamente gêmea, em termos de formação, do Saco de São Diogo, mas, em termos de destruição, esse processo vai se dar muito mais recentemente, mas vai se dar muito mais rapidamente, e de forma muito mais contundente, né? E eu colocaria assim, lembrando só os marcos, pra gente tentar lembrar os marcos, se precisar a gente dá um *zoom* nesses marcos. O primeiro marco, você colocou muito bem, foram as ferrovias. Assim, lembrando que o Saco de São Diogo, eu não estou com a mapa aqui, agora, mas o Saco de São... de Inhaúma antigo ocupava uma extensão de mais de 8 km², passava a região do... chegava até Maria da Graça, área de influência, pegava a Praça das Nações, ia bem para o interior, né, e tinha mais que 3-4 km de manguezais, e era adornado com...

MF – Três, quatro quilômetros de manguezais, é assim, (*falam ao mesmo tempo*)...?

EA – No seu entorno, é.

MF – No entorno?

EA – É, no entorno. Quer dizer, eu acredito que o interior todo da Enseada de Inhaúma fosse de manguezais. E eu tenho um mapinha, depois eu podia tentar mostrar, mas só pra ter idéia, assim, da área de abrangência, né? E esse conjunto culminava com as nove das “ilhinhas”, mais de nove, que eram nove ilhas mais alguns ilhotes do arquipélago do Fundão. Bem, então, de um lado eram os manguezais se estendendo até o interior, com algumas interrupções de praias, existiam algumas praias, né, também, praias arenosas, e o conjunto das ilhas do Fundão era um... a gente podia chamar de um “paraíso tropical”. Eram diversas ilhas com vegetação, inclusive, alguns escritores antigos, né, falam da presença de madeira de lei e pau-brasil nessas ilhas do arquipélago do Fundão. E deu pra

perceber, né, por reconstituição, que existiam diversos canais de maré que contornavam essas ilhas do Fundão, aí, faziam bancos de areias, praias e mangues, quer dizer, era um conjunto harmonioso de sistemas. Uma outra coisa importante que a gente tem que lembrar é que a enseada de Inhaúma sempre foi um pesqueiro importante da Baía, foi, principalmente, de camarão. A colônia do Caju, né, a colônia de pesca do Caju, que é uma das mais antigas, nesse registro eles apontam uma produção muito forte de camarão, oriundo, principalmente, da Enseada de Inhaúma. Bem, a região também teve diverso valor histórico – vocês que são historiadores – inclusive a luta no processo de... travado entre os franceses e os portugueses, né, diversas batalhas que foram travadas naquela região. Então, a área tem atributos, né, ambientais, históricos, paisagísticos incomuns, e que foram rompidos. Aí começa o processo, a partir da construção dessa ferrovia, que vai começar a fazer alteração física, né, alteração do contorno desse litoral. A primeira é a do... a linha auxiliar, né... – a linha auxiliar é anterior à Leopoldina, né? – que a linha auxiliar visava resolver problema de água do Rio de Janeiro, né, tinha acesso àquelas áreas lá de Xerém e... e o objetivo era adução de água pra o Rio de Janeiro, que estava bastante carente. (?) depois a Leopoldina... Bem, aí, mais tarde, houve um projeto de aterramento da área. Esse projeto foi iniciado e foi interrompido. Isso foi na década de 20, né, década de 20...

?? – 22.

EA - ... 22, é, e esse projeto arrasou diversos morros da região, Morro do Pedregulho, enfim, diversos outros morros, e produziu um aterro grande, né, um aterro enorme na área. Bem, depois, um outro evento... (*arruma o microfone*) Aí o objetivo era de produzir áreas, né, produzir terras. A gente tem que lembrar que esse processo é sempre um processo de apropriação de terras e de natureza para a reprodução do capital, reprodução do sistema, não é? Quer dizer, nessa época, início do século XX, vai ser a época, assim, de chumbo, né, dessas grandes intervenções na natureza. Nessa área se fez esses grandes impactos, esses grandes aterros, grandes desmontes. Na mesma época se fez também grandes intervenções no fundo da Baía, alterações, né, e grandes, em termos de um saneamento, sempre usando, assim, a palavra saneamento como bandeira, né, mas era um saneamento totalmente equivocado em termos ambientais, que, na verdade, era a tentativa de fazer dobrar a natureza, de fazer... retificar a natureza, de transformar a natureza em um bem apropriado para a reprodução. Esse era o conceito de saneamento que era empregado.

MF – Mas já havia uma população pesqueira que vivia nessa região já há algum tempo, que, provavelmente, produziu conflitos em todo esse processo, né...

EA – Isso.

MF - ... pescadores... (*falam ao mesmo tempo*)...

EA – (*falam ao mesmo tempo*)...

MF - ... tem alguma informação sobre essa população que vivia no final do século XIX, início do século XX?

EA – Não, não tenho muito, não, não tenho, mas, certamente, existia, como existia na área do Gamboa, Saúde, né, também, eram... Caju, né, eram uma extensão da... de comunidades pesqueiras importantes, bem, e que foram... devem ter sido impactadas, inclusive por essa criação dessas colônias de pesca, que foram... quer dizer, aí que elas passam de uma pesca artesanal para uma pesca mais comercial, né, com imigração de portugueses e espanhóis, né, no... aí início do século XX, provavelmente início do século XX. Mas eu queria lembrar que teve uma época, então, de chumbo, assim, das grandes intervenções: o Canal do Panamá é um exemplo, o... Existia o projeto de fazer um grande canal na Baía de Guanabara, existia um projeto de interligar a Guanabara com Sepetiba, quer dizer, são grandes devaneios, grandes delírios, né, da engenharia, e que usava sempre, impropriamente, esse termo de saneamento. A gente tem brigado muito contra esse termo impróprio. O Legênio mesmo brigou, né, bastante, na época dele, já na época dele já tinha um conflito.

TF – Você diz que ele seria impróprio ou que ele estava direcionado... Mas cada um deles estava direcionado para uma intenção...

EA – É que o...

TF - ... *(falam ao mesmo tempo)*. *(Você?) (??)* no capitalismo, no jogo de poder, *(falam ao mesmo tempo)*...

EA – Não, aí não é nenhum mal exclusivo do capitalismo, que a Rússia também, na época, a Rússia socialista também aplicava o mesmo tipo... A Rússia também foi extremamente impactadora, né? Mas há uma visão equivocada de apropriação da natureza, eu diria assim, né, uma visão equivocada de recuperação, quer dizer, é um conceito de saneamento inteiramente não-saudável, né, quer dizer, não... que não considerava a natureza, suas fragilidades, suas funções, sua importância...

TF – É uma intervenção para a ocupação da área, né?

EA – É, uma intervenção para a ocupação da área. Sanear, nesse sentido, significava secar, drenar, esvaziar, retificar... Você substituía o litoral recortado, cheio de (?), de reentrâncias, de...

MF – *(falam ao mesmo tempo)* urbanizar e fazer um espaço de ocupação e uso pelo homem, né?

EA – Isso, apropriação, apropriado, né, quer dizer...

FS – *(É?)* retificar os rios...

EA – Retificar os rios...

FS - ... a costa, né...

EA – Isso, dobrar a costa, (*dobrar o?*) litoral...

FS - ... (*falam ao mesmo tempo*) naturais (*inaudível*) (*problema no microfone*)...

EA – Isso.

FS - ... acabar com (??).

EA – Acabar com as irregularidades que são justamente, essas irregularidades, as reentrâncias, é que são justamente os elos mais ricos dos ecossistemas. As reentrâncias do litoral são justamente os elos mais importantes, né, onde se dá a produtividade maior, onde se dá o (?) maior com o mangue, por exemplo. Não é à toa que as áreas mais... as áreas que eram mais piscosas da Baía eram justamente essas áreas, uma delas a Enseada de Inhaúma, quer dizer, sempre se reportou aquela área como uma das de maior riqueza de pesca. Então, esse conceito foi um conceito que foi usado também lá na Enseada de Inhaúma, e que custou já uma grande intervenção. Logo depois, aí, vem em contigüidade o aeroporto, né, de Manguinhos.

FS – O Aeroclube de Manguinhos.

EA – O Aeroclube de Manguinhos. Depois do Aeroclube de Manguinhos, quer dizer, no maior... aí começa o processo da... aí eu nem sei, aí são três ao mesmo tempo, né, a ligação com a Ilha do Governador, os aterros do projeto do Fundão, na década de 50, e a abertura da Avenida Brasil. Quer dizer, esses três praticamente vão detonar, né, o... vão criar uma... grandes investimentos, né, de obra, e grandes intervenções na área. Quer dizer que, a par dos impactos ambientais, vai criar um impacto social afinal grande, né, enorme, vai trazer uma imensa população para a área, para as obras, e, depois das obras, as populações vão alimentar o complexo das favelas da Maré, apesar das favelas serem mais antigas, né? O início das favelas é de 20, por aí, 30.

TF – Tem cortes, né...

EA – Tem cortes.

TF - ... tem (?), depois (*falam ao mesmo tempo*)...

EA – É.

TF - ... um (?), depois tem 40 para 50...

EA – 40 para 50. Mas deve ter uma relação muito estreita com as grandes obras, né?

TF – Ah, com certeza.

FS – Ah, (?) acho que sim.

EA – Então, uma grande relação com as grandes obras, né?

TF – (*falam ao mesmo tempo*) hipótese, né?

EA – É, é, quer dizer, uma grande demanda de mão-de-obra...

TF – De indústrias instaladas...

EA - ... de indústrias instaladas, e depois (*assobia*), essa mão-de-obra é abandonada e faveliza, né, (*falam ao mesmo tempo*)...

FS – É, e (*falam ao mesmo tempo*)...

TF – (*falam ao mesmo tempo*) os terrenos sem ocupação...

FS – É, (*falam ao mesmo tempo*)...

EA – Terrenos sem ocupação...

FS - ... por conta das obras que retificam os rios ou alguma costa, se vai criando terras vazias, e aí, propicia que se ocupe de uma forma desordenada, né?

TF – A proximidade com os rios também, que aí você tira o problema do saneamento (*falam ao mesmo tempo*)...

EA – Isso.

TF - ... joga (*falam ao mesmo tempo*).

EA – É, você resolve, é, isso.

TF – Cria um problemão.

EA – Cria um problemão, é, exatamente. Quer dizer, então, é, quer dizer, é um amálgama de causa, efeito, de... é uma confusão enorme, mas..., mas realmente, foi a bomba. Bem, e, juntamente com isso, a poluição industrial, né, quer dizer, então, esses grandes impactos, e de toda a região da Baía, a grande extensão da Baía de Guanabara, ele vai se... esse processo vai se localizar ali, nessa área...

?? – É, (*falam ao mesmo tempo*)...

EA - ... uma área que era vital, que era um paraíso tropical, de repente vai ter o seu sistema de circulação de corrente de maré, que era fundamental para a qualidade da água daquela região, vai ser totalmente alterado com os aterros do Fundão, não é? Os próprios mangues ao longo do litoral vão ser aterrados pela construção da Avenida Brasil, impactados. Outros cortes vão se dar no sentido eixo continente – Ilha do Governador. Para se ter uma idéia,

existia uma distância, historicamente, uma distância, não lembro, mas três, cinco quilômetros, entre a Ilha, naquela região da Praia de Ramos, mais ou menos, uma distância de três ou cinco, não sei quanto, não lembro agora, que hoje é reduzida a nada, menos de um terço do que existia antigamente. Aí dá bem uma dimensão de quanto foi perdido, né, perdido em termos ambientais, em termos de equilíbrio de natureza, e ganhos em termos de reprodução de capital, que aí foram gerados estoques de terras para apropriação, né, pelo poder produtivo, que nem foi bem assim, né, que grande parte dessas áreas nem foram utilizadas para... no processo produtivo, elas ficaram à margem do processo produtivo, né? A gente tem áreas lá que foram estagnadas, ali, junto mesmo da Refinaria, né, a gente tem (?) essas áreas que foram estagnadas e ficaram à margem do processo, num convite a uma ocupação irregular, né, a uma favelização futura.

MF – Agora, nessa fase inicial, o senhor falou de vários tipos de impactos então, mas nos estudos do (*Legênio?*) de Oliveira, ele aponta, já na década de 20, um conjunto de impactos que não vai ser tão radical quanto depois, na década de (*falam ao mesmo tempo*)...

EA – Sei.

MF - ... 40, que é onde realmente começa a acabar mesmo um monte de flora marinha, ou de fauna marinha específica, mas você já tem uma importante degradação ambiental, que Legênio nunca nomeia exatamente, mas que a gente sabe que vem do rio. E a gente não sabe se vem do rio, mas vem através de ocupação urbana e de esgoto, que aumenta a carga orgânica (?), e também com algum lixo sólido, ou se já vem com contribuição industrial. E contribuição industrial, a gente sabe que a Refinaria é um marco, que a área de...

EA – É, deve ter sido.

MF - ... (*falam ao mesmo tempo*) ali é um marco.

EA – Isso.

MF – Agora, a gente também sabe que toda a região da Zona Norte já vem... com a ocupação industrial, indústria de tinta, etc., que a gente não tem clareza até que ponto essa degradação antes da década de 40 tem contribuição industrial, ou ela vem, principalmente, de ocupação urbana sem infra-estrutura ao longo dos rios que vão desaguar na Baía.

EA – Eu acredito que é mais essa hipótese, porque o marco mesmo da poluição industrial, né, da substituição da importação, tudo isso, vai (*crescer?*) a partir da década de 40, 40-50. Quer dizer, o que houve na década de 10, de 1910-20, foi um crescimento populacional imenso, né, sem similar, quer dizer, exponencial mesmo, crescimento exponencial, aliás, um crescimento que vai começar, na verdade, com a abolição da escravidão, né com o processo de imigração internacional, né, e depois, aí, no processo interno. Mas, um detalhe, o lixo vai ser depositado na área também, né, na região...

FS – É, (*falam ao mesmo tempo*) década de 30, né?

EA – É, década de 30, quer dizer, já um sintoma de transferência de problemas externos, né, quer dizer, problemas gerais no centro do Rio, em outras áreas do Rio de Janeiro, vão se deslocar para a região da enseada.

FS – É, desde o início do século aquela área já estava separada para depósito de lixo, né, *(falam ao mesmo tempo)*...

EA – Já.

MF – *(falam ao mesmo tempo)* planejamento.

EA – Já chegavam por barcas, né, barcaças *(falam ao mesmo tempo)* ...

FS – É, lá em Manguinhos mesmo tinha um forno incinerador de lixo *(falam ao mesmo tempo)*...

EA – É, né?

FS - ... durante um bom tempo (?) o próprio Instituto, isso em 1900, quer dizer, *(falam ao mesmo tempo)*...

EA – Em 1900?

FS – É, aquela área já era pra... área de queima de lixo. Depois *(falam ao mesmo tempo)*...

?? – *(falam ao mesmo tempo)*...

FS - ... depósito e (?) de lixo.

EA – Quer dizer que foi escolhida como uma área não nobre, né, uma área para uso não nobre, é.

FS – É, e depois, com a junção com a área de porto, né, *(falam ao mesmo tempo)* aquela área ali.

EA – Nossa!

FS – É.

EA – Mas... quer dizer, mais do que a industrial, a industrial acho que seria depois mesmo, pelo menos em termos de Baía é a leitura que a gente faz, quer dizer, a grande queda de pesca, de diversidade na Baía, vai se dar a partir de cinquenta, mais ou menos, quarenta e poucos, cinquenta, que aí é atribuído realmente à poluição industrial mais forte, indústria química, petróleo, todas as outras indústrias. Quer dizer, antes, aí, foram impactos mais físicos, né, impactos de aterros, de alteração do litoral, cais do porto, artificialização de todo cais do porto e suas consequências, né, consequências na qualidade da água, na

circulação, na sua alimentação, todo um... enfim, os impactos físicos da Baía, e da Baía refletindo na região, né?

FS – Agora, existia uma grande vontade do poder público de sanear aquela região, né, uso o termo sanear, também porque era considerada uma área, assim, pestilenta por causa dos mangues. A idéia é que tinha que secar os mangues pra trazer mais saúde, acabar com os mosquitos, não é...

EA – Isso, isso.

FS - ... e isso (*contribuiu?*) também...

EA – Contribuiu.

FS - ... para essa idéia de que aquela era uma área perigosa, que se tinha que acabar com aquela...

EA – É, existe o mito de mangue associado à insalubridade, quer dizer, não só mangue, mangue, pântano, brejo, alagado...

FS – Todas essas áreas...

EA - ... todas as áreas úmidas, que são justamente os ecossistemas mais produtivos que existem.

FS – (??)?

EA – É, quer dizer, é outro conceito. Quer dizer, tem um outro conceito que é mais de engenharia, que é a visão de sanear, que é limpar, tornar reto, plano...

FS – É a mão do homem.

EA – É, a mão do homem.

FS – Regular...

EA – Regular, e uma visão mais sanitarista, e do próprio Oswaldo Cruz, que é a de erradicar doenças, e, junto com a as doenças, os hospedeiros...

FS – Os vetores.

EA - ... os vetores. Aí, nesses vetores, entravam as bromélias, mangues, brejos, alagados, pântanos, qualquer área úmida, qualquer área estagnada, mas é um conceito totalmente errado em termos... na leitura ambiental, né, que são...

FP – (*falam ao mesmo tempo*) (??) (*poluição?*) da Baía de Guanabara, que é (??), que é (??), eles já colocam que a grande questão do impacto sobre a Baía de Guanabara é o crescimento... é a ocupação desordenada, e também o pessoal que estuda essa... a política de ocupação, e que esse pessoal ali do Fundão, eles colocam essa associação entre a política e os empreendimentos imobiliários, né, que levam também a essa ocupação totalmente desordenada, em favor dos que têm dinheiro, né, pra pagar os grandes cenários da região...

EA – (*inaudível*).

FP - ... e essa questão da remoção. Ele tem... Porque vocês falaram na questão da industrialização, das obras, aliás, não necessariamente a industrialização que levou as pessoas para ocupar essas áreas ali, em torno de... hoje, de Manguinhos, mas também tem processo de ocupação por remoção, não tem, ali?

MF – Não, tem, tem, isso já é citado, né?

FP – É?

TF – É.

MF – É.

FP – É, porque essa questão de remoção também a ver com investimento imobiliário, (*falam ao mesmo tempo*)...

EA – Tem, claro.

FP - ... então, essa é a questão que parece que pelo... o pessoal lá do Fundão, (?) observatório das metrópoles ali...

EA – (*falam ao mesmo tempo*)

FP - ... essa é uma (*questão?*) muito forte, do empreendimento imobiliário como...

FS – Você diz remoção de outras áreas pra lá, é.

FP - ... uma das forças que (?), que (?) (*isso?*). E a questão é que aí o saneamento básico, a falta dele, né, nessas regiões, é que impacta grandemente a Baía de Guanabara. Aí, vem depois as questões, quer dizer, a poluição industrial. Ela é um segundo fator, segundo lá o relatório, né, que tem um impacto pela toxidade, maior pela toxidade do que pela quantidade, né, quantitativamente (?) da falta de saneamento. Eu não sei se o que está no relatório, como é que se (*falam ao mesmo tempo*)...

EA – Bom, o...

FP - ... essa avaliação. Não sei se o senhor chegou a ler esse... (*rindo*) esse (*falam ao mesmo tempo*).

EA – Não, são os caras de... (?). Em termos de Baía de Guanabara, se a gente for falar, claro, o esgoto é o maior... é a maior poluição, né, em termos absolutos, mas poluição industrial também é importante. Mas tem que tentar entender no significado, assim, histórico, né, no... Tá, eu acho que foi colocado claro ali, quer dizer, lógico, toda a área marginal, área de favela, nunca teve sistema de esgoto mesmo, né? Quer dizer, então, é evidente que lá houve um crescimento sem saneamento, e sem saneamento absoluto, quer dizer, não só esgoto como lixo e todos os outros vetores, né? Mas, assim, em termos de destruição da Baía de Guanabara, o industrial foi importante, acho que tem que ser colocado assim, foi muito importante em termos da biodiversidade... E a gente tem que entender que o industrial significou também, não só a poluição, mas significou a preparação do terreno, quer dizer, a apropriação do terreno, do... (*interrupção da fita*)

Fita 1 – Lado B

MF – A preparação da infra-estrutura urbana que vai propiciar a industrialização dá a infra-estrutura para a favelização...

EA – (*falam ao mesmo tempo*)

MF - ... mas não para a ocupação de pessoas...

EA – É, não (*falam ao mesmo tempo*).

MF - ... mas ela...

FS – (A?) ocupação sadia, né, (*falam ao mesmo tempo*)...

MF – É, ela (*falam ao mesmo tempo*), quer dizer, ela propicia uma ocupação irregular, não saudável, de populações que, se tivessem que na época pagar por uma casa, não pagariam, como não pagam hoje, e vão morar nessas zonas de sacrifício, né?

EA – É, na verdade, a gente tá falando de um modelo, o modelo urbano industrial, né? Esse modelo urbano industrial é caracterizado pela indústria como atividade predominante, né, principal, e tem a concentração da população na cidade, quer dizer, o capital, à reprodução do capital interessa essa aglomeração, essa extrema concentração, e isso foi gerado, quer dizer, não só a organização do espaço burguês, dos bairros burgueses, como as franjas de bairros proletários, de favelas, eles são produtos do mesmo processo, e fazem parte desse modelo urbano industrial. Quer dizer, então, a favelização é produto do modelo industrial, é um modelo excludente, modelo que atrai uma grande quantidade de população, uma parte pra servir de mercado consumidor, e aí você gera os bairros burgueses, os bairros organizados, onde entram recursos do poder público, né, ajudando a esse modelo, quer

dizer, aí, vamos dar um exemplo, Copacabana, Tijuca, Grajaú, Vila Isabel... Você tem uma associação de bancos internacionais, de especuladores, né, de grandes grupos, né, e do recurso público, para produzir a apropriação do espaço. E esses bairros burgueses vão ser dotados de infra-estrutura básica, de transporte, inclusive, eles vão ser, no caso do Rio de Janeiro, o bonde vai ser um veículo importante, né, da formação desses bairros burgueses. E, do outro lado, a área onde o poder público não atua, vão sair daí as favelas. Mas o que é que são as favelas na verdade? É a população que é atraída, mas não é absorvida pelo modelo, e fica como um (*falam ao mesmo tempo*)...

?? – (*falam ao mesmo tempo*) (*considerada?*) como mão-de-obra reserva, (*falam ao mesmo tempo*).

EA – É, mão-de-obra reserva, exatamente, mão-de-obra reserva, e pra forçar... é importante que haja esse excesso, pra forçar a mão-de-obra barata, né, que seja barata. E o Brasil é caracterizado por ter uma mão-de-obra extremamente barata em termos de mundo, né? Se perde, de repente, pra China, aí um... Quer dizer, então, tudo faz parte, é difícil a gente separar, né, então... Aí, eu diria que as grandes mazelas recentes, a partir do nosso... do século... metade do século passado, século XX, e até hoje, se devem a esse modelo urbano industrial e todos os seus desdobramentos, que são: geração de indústrias, né, concentração de produção de bairros burgueses de um lado, e de bairros não assistidos por outro lado...

TF – Me diga o seguinte, se você percebeu lá no seu trabalho algum movimento contra essa ocupação da Baía de Guanabara, quer dizer, houve resistência dos ambientalistas ou de populações? Ela foi sendo ocupada gradativamente? Como é que foi esse movimento? Esse movimento demorou o quê? Digamos que (?) na década de 20, né...

EA – 20, isso.

TF – ... a época que teve marcos, mas... como é que foi isso, teve...?

EA – Não, não lembro de resistência, pelo menos assim, organizada, de (*conjunto?*). Eu lembro de pessoas.

TF – Sim, (*falam ao mesmo tempo*)?

EA – O próprio Legênio, o... Tem um cara muito bom, até tinha uma visão muito clara, (??), (*Bacoiser?*), né? Era é um engenheiro da Prefeitura, e escrevia muito no início do século XX. Ele tem trabalhos maravilhosos, assim, de engenharia e do... da Baía, que falava da Baía como hoje um ambientalista radical falaria, isso no início do século XX.

FP – E ele era da Prefeitura (*falam ao mesmo tempo*)...

EA – E era da Prefeitura.

FP - ... análise crítica (*falam ao mesmo tempo*)...

EA – Fazia análise crítica. Ele tinha uma visão sensível, ele era sensível. Era um engenheiro sensível às características ambientais. Agora, tirando isso, é difícil, inclusive, na verdade, existia esse conceito, a predominância desse conceito equivocado, errado, de saneamento. As pessoas achavam que era isso mesmo, que devia aterrar, devia (?), devia apropriar a terra, quer dizer...

MF – Modernizar, (*falam ao mesmo tempo*)...

EA – É, modernizar, limpar, edificar, isso, quer dizer, sempre foi vendido isso. A visão correta ambiental é que é uma coisa recente, eu diria que é uma coisa que, aqui no nosso meio, só começa mesmo na década de 70. Legênio é um dos pioneiros, é um...

TF – Aí na década de 60, 70...

EA – 70.

TF - ... você localizaria quem?

EA – É, nós mesmos, aí, eu diria, a gente começa, a gente, que eu digo, assim...

TF – Além de você, claro.

EA – Algumas entidades de classe, assim, tipo Sociedade de Geologia, Associação Brasileira de (*Geógrafos?*), Associação Brasileira de Geologia, SBPC, se bem que... é SBPC já existia.

TF – Já, (*década de?*) (*falam ao mesmo tempo*).

EA – É, exato.

FP – (*falam ao mesmo tempo*).

EA – (?) não...

FP – Não?

EA - ... só recente.

FP – É (*falam ao mesmo tempo*)...

EA - ... cresce só a ambiental, e muito recente, com o (*falam ao mesmo tempo*).

MF – (*falam ao mesmo tempo*), é do saneamento tradicional...

EA – Era, do tradicional. O Clube de Engenharia também era tradicional...

FP – Era (*falam ao mesmo tempo*)...

EA - ... é, também era tradicional. O (*CREA?*) só mudou com o (*Chacon?*), há uns 4-5 anos atrás. Antes era tradicional, tradicional, corporativista inclusive, extremamente corporativista. Defendia as posições dos engenheiros (?) de forma intransigente. Mas, então, te respondendo, eu diria que não houve muita resistência porque não havia muita clareza, havia, na verdade, uma predominância de visões equivocadas sobre essas questões.

FP – Nessa linha histórica...

?? – (??).

FP - A questão... Eu conheci, na época que estava sendo criada a FEEMA, em 80...

EA – 70...

FP - ... final de... quando...

EA – 75-6, por aí, é.

FP – É, é, né? Aí, quando eu cheguei no Rio, aqui, em 79, estava entrando para a FEEMA, e o pessoal da UFRJ... eu conheci, que estava fazendo mestrado, e eu ouvia, assim, eles falarem com muito entusiasmo da FEEMA aqui, o que, depois, não sei o que é que aconteceu na realidade com a FEEMA, né?

MF – Bom, eu acho que isso...

FP – Pois é...

MF – Não, não, é porque eu acho que isso já...

FP – Ah, já saiu (*falam ao mesmo tempo*)?

MF – Já sai bastante, é. Eu acho que (*falam ao mesmo tempo*)...

EA – Mas (*falam ao mesmo tempo*).

FP – Faz parte da questão de movimento (*falam ao mesmo tempo*)...

EA – É, foi criada como um órgão exemplar, o melhor órgão do país na área ambiental, serviu de modelo para o Brasil inteiro...

MF – Foi o primeiro (*falam ao mesmo tempo*)...

EA – Foi o primeiro, é.

MF - ... país. O Haroldo, e o cara, depois, que estava bem na frente, acho que foi o primeiro, né?

EA – Foi o primeiro.

MF – (?) depois.

EA – E os salários eram razoáveis, quer dizer, existia um quadro técnico da maior qualidade, da maior competência, e depois foi sendo negligenciado. Começou pelo salarial, pela carreira mesmo, aí, o salário deles ficou aviltado, ficou a zero. Houve uma... *existiram* alguns conflitos aí com algum governo, com o Brizola, né, parece que teve algum conflito, uma (?) governo do Brizola, que aí eu acho que eles... houve um arraso total, assim, de congelamento de salários, (*desenquadramentos?*), né?

MF – É, mas o fato é que a FEEMA, quando é criada, ela já encontra a região de Manguinhos muito próxima ao que é hoje...

EA – (*falam ao mesmo tempo*), é isso.

MF - ... eu diria, né?

EA – Ela (?), não tinha (?), (*não?*).

MF – E o que a gente poderia discutir é até que ponto ela poderia contribuir mais para a reversão de alguns fatos, né, mas o quadro já era violento, muito semelhante ao que é hoje, né?

EA – Mas aí, talvez (*dê?*) numa resposta, (?) qual a visão desses órgãos para essa região, né? (*Numa?*) visão muito boa, a experiência que eu tenho, assim, tanto FEEMA como a (*CEMA?*) antiga é uma visão de dizer assim: “Não, essa área já está degradada, então, não tem que fazer nada mesmo, e... (*é degradada?*).” O Paulo Nogueira, na época da CEMA, quando veio o Projeto Rio, né, na época do Projeto Rio, foi aquele grande projeto de... que previa 23 km² de aterro da Baía de Guanabara, afetando principalmente essa região, erradicação das favelas da Maré, no início previa a erradicação das favelas da Maré...

MF – Que foi (*falam ao mesmo tempo*)...?

EA – Final da década de 70, 79-80. E o Paulo Nogueira justificava o projeto dizendo que a área já era área degradada. Então, a área degradada tinha que ser corrigida com novos aterros, pra você ter uma idéia da visão ambiental que os órgãos tinham, né, sobre a área. A FEEMA também não é diferente, a visão da FEEMA de mangue também é essa, quer dizer, a FEEMA fazia relatórios dizendo que: “Ah, os mangues de Guapimirim se justifica serem preservados...”, que a gente criou a (?) numa batalha contra o Projeto Rio, foi criada a Área de Proteção Ambiental de Guapimirim, era como parte do processo. Aí, a FEEMA dizia: “Não, os manguezais de Guapimirim se justificam porque estão (?) de não sei o quê, mas os outros não.” Então, os outros poderiam desaparecer. Mas é uma visão meio fatalista, assim,

de (?). Então, nunca houve uma preocupação muito grande com essa região em particular por parte dos órgãos ambientais.

MF – Agora, do ponto-de-vista de contribuição de carga continua sendo uma área importante para a degradação da Baía, né?

EA – Continua, (??).

MF – Como você avalia toda essa região, que antigamente poderia... era Saco de Inhaúma, né, essa enseada de Inhaúma, e atualmente o Canal do Cunha, Jacaré e o Faria-Timbó, né, em termos da degradação global da Baía de Guanabara, e a importância dessa região?

EA – Bem, essa região que foi numa época o paraíso tropical, né, com toda...

MF – Até meados... até o início do século XX, né?

EA – Até o início do século XX, até a década de 20 do século XX, pelo menos, era um paraíso, aliás, em termos de pesca, até a década de 50. Até a década de 50 os pescadores tinham um registro de grande pescada de camarão.

FS – Até a década de 40 se vendia aquela região como uma região que ainda ia ser saneada, ia se transformar numa das áreas mais nobres da cidade. A própria Avenida Brasil traz esse conceito de que ia melhorar toda aquela região, e o que a gente viu é exatamente o contrário, né, o processo que a gente viu é justamente o contrário.

RC – Essa parte de vendas de (?), se não me engano, o próprio Legênio tem uma bibliografia que ele cita (*falam ao mesmo tempo*)...

EA – Tem.

RC - ... por volta dos meados de 56.

EA – Isso, (*falam ao mesmo tempo*).

RC – (*falam ao mesmo tempo*) duas toneladas por dia de (*samanguaia?*), (?) sendo de Inhaúma.

EA – Isso, isso. É, e riquíssimo camarão. Camarão, quase todo camarão da Baía vinha da... Bem, e esse paraíso tropical é transformado hoje na cloaca, na área mais... em termos pontuais, das áreas mais degradadas da Baía de Guanabara, onde você tem o assoreamento mais absoluto. Em maré baixa aquela área fica totalmente seca, né, pântano. Você não tem mais água, fica um filezinho só e mais nada. Em termos de qualidade de água (?), (?) taxa de oxigênio (?) a nada, né? Todas as poluições possíveis, e poluição na água e no sedimento. Então, a própria abertura do Canal do...

?? – Cunha.

EA - ... do Cunha, o Canal da Maré, né, é problemático e tem que ser bem feito porque ele vai colocar no meio... A gente está muito preocupado com... que tem um projeto, né, do *(falam ao mesmo tempo)*...

TF – É, qual o projeto *(falam ao mesmo tempo)*?

EA – É o projeto de dragagem do Canal da Maré.

TF – Canal da Maré é o Canal do Cunha?

EA – Não, o canal...

?? - *(inaudível)*

EA - ... é... mas os dois... normalmente, quando eles fazem em um, fazem..., mas o da Maré é entre o Fundão e o continente, né? O do Cunha é o artificial, que dá continuidade, artificialmente, ao Faria-Timbó, né? Mas eles estão pensando principalmente o da Maré, e o da Maré vai exportar para a Baía de Guanabara, se não for bem feita a dragagem...

TF – Não tem *(contato com?)* a Baía hoje? Tem, ou não?

EA – Tem, tem contato, mas não tem...

MF – (?) circulação?

EA – É, circulação, não tem circulação quase que nenhuma.

MF – Foi sendo interrompida, né?

EA – Foi sendo interrompida, e a água está morta, a água ficou morta...

MF – *(falam ao mesmo tempo)* a quantidade de substâncias tóxicas ali, de cargas que de uma hora pra outra vão pra Baía?

EA – Vão para a Baía, essa que é a grande preocupação, que essa carga vá para a Baía. E outra coisa, quer dizer, são duas coisas que a gente relaciona a esse projeto: a dragagem tem que ser feita, eu não sou contra essa dragagem, desde que ela resolva esse problema, né, quer dizer, que garanta que não haja essa remobilização de poluentes que estão armazenados no sedimento e que sejam despejados no meio; e outra, não adianta você fazer essa dragagem se você não corrigir os problemas ambientais da bacia. Aí, entra... como é que chama... a...

TF – *(falam ao mesmo tempo)*...

EA - ... o saneamento da bacia como um todo. Se você não resolver problema de (?) de lixo, vai continuar sendo uma fonte de flutuantes, de poluição por óleo, poluição industrial, poluição por esgoto. Quer dizer, não adianta você dragar se não fizer essa... juntamente essa correção. Então, a gente vincula, e isso que incomoda porque eles querem só obra, quer dizer, eles querem a obra porque a obra fatura, ganha dinheiro, e que se dane o resto. A gente quer o conjunto, a gente quer que isso seja associado a outras ações. Você tem que corrigir lá na fonte a região, você tem que dar uma condição sanitária ideal para a região, para a bacia, e junto fazer a dragagem, mas não só a dragagem, (*custe tanto?*), né?

FP - (??) que a dificuldade que (?) (*alguém espirra*) tem de mobilização de movimentos, ambientalistas ou outros, que tem... quando foram criar aquele “piscinão” ali de Ramos, né, quer dizer, ali era um mote para ter um grande movimento porque na medida em que você cria alternativas paralelas, ou até que aquela alternativa seja (?) pra confinar a população mais ali, né, pra não ir para a Zona Sul, eu acredito que tenha (??). E o Viva Rio foi numa palestra lá na Fiocruz e disse que eles estavam fazendo um planejamento para aquela área de Ramos, conversando com os pescadores, com a proposta de fazer ali, ao longo daquela parte da maré mesmo... É Maré, né, que pega ali Ramos?

EA - É, Ramos, é.

FP - Fazerem viveiros...

EA - Roquete Pinto, né?

FP - ... para criar mexilhão ali. Ninguém briga pela despoluição da Baía de Guanabara, então, (*falam ao mesmo tempo*)...

EA - Isso.

FP - ... até eu brinquei: “Então, vamos criar favelas no mar, né, vamos criar o mexilhão.” (*rindo*) Fazer bóias, aquelas bóias de contenção de... Eles estavam com a tecnologia, discutindo com o pessoal do Paraná, bóias de...

EA - Mas a água é tão... nós somos totalmente... tão imprópria que não vai nascer nada, não vai sair nada, não...

FP - (*falam ao mesmo tempo*)...

EA - ... (*falam ao mesmo tempo*) nada aquela área, né, aliás...

FP - ... falou: “E a poluição, aqueles mexilhões?” Aí, vão ser todos poluídos porque esses... como é... crustáceos...

EA - Crustáceos, cracas e ostras.

FP - ... (*falam ao mesmo tempo*) concentram...

EA – São concentradores de poluição.

FP - ... concentradores. “Ah, não, mas é por fora.” (*rindo*) (*inaudível*) Sabe, existe uma... quer dizer, não é bem ignorância, de um... é um Viva Rio, é um movimento, (*aquilo é?*) uma associação (*falam ao mesmo tempo*)...

EA – Mas é ignorância mesmo dele, que foi fornecido por alguém do Paraná. Isso foi no Governo da Bené, da Bené, Dia do Meio Ambiente... veio com essa idéia maluca, aí, a gente deu uma batida, né, uma batida feia mesmo. O secretário...

MF – Sirkis?

EA – Não, o...

MF – Não, o...

EA - ... o Liszt, é.

MF - ... o Liszt Vieira.

FP – Não, é o Liszt Vieira.

EA - ... o Liszt ficou pau da vida com a porrada que a gente deu, mas tinha que dar, né, dizer que eles não tinham assessoria nenhuma, pô! Isso era o fim da picada mesmo.

FP – (*falam ao mesmo tempo*).

EA – É. (*falam ao mesmo tempo*) antiga mesmo.

MF – (*falam ao mesmo tempo*) do Meio Ambiente apoiar esse tipo e coisa, né...

EA – É, apoiar isso.

MF - ... não chamar nem um biólogo vagabundo da...

EA – Não.

FP – (*falam ao mesmo tempo*)

MF - ... (*interno?*) pra poder (*falam ao mesmo tempo*)...

EA – É, uma visão ruim mesmo!

MF – Muito (*falam ao mesmo tempo*)...

EA – (*falam ao mesmo tempo*) pra fora, né, uma visão equivocada. Mas o projeto...

MF – (*falam ao mesmo tempo*)...

FP – Eu não conheço, assim, o projeto, até porque o Fernandes, aquele (??), ele falou assim, que era a solução...

EA – (*falam ao mesmo tempo*).

FP - ... para os pescadores, que tem uma colônia de pescadores lá em Ramos...

EA – Mas os pescadores sabem disso.

FP – É?

EA – Sabem, é.

FP – Que eles queriam levar uma alternativa, quer dizer, na realidade, o que ele estava discutindo é (??) pensador tem uma solução ali, mas (*inaudível*), e existe uma aldeia de pescadores ali...

EA – E o “piscinão” é um subterfúgio ruim, né, muito ruim.

FP – (*falam ao mesmo tempo*) acinte...

EA – Um acinte.

FP - ... ao (*falam ao mesmo tempo*).

EA – Quer dizer, foi bom, e ruim de combater porque ganhou a comunidade, ganhou a sociedade.

FP – Exatamente, é.

EA – A gente, na época... nós éramos contra, mas o nosso espaço era nenhum pra oferecer para o... A mídia mesmo procurava, a mídia deu todo o espaço para a ecologia do programa. O combate que a gente conseguiu fazer era tímido, não conseguiu reverter. Agora, hoje não, hoje está havendo um desgaste. A Petrobrás mesmo está saindo dos “piscinões”, não está querendo financiar mais. Eles estão vendo que caíram numa roubada, porque é uma manutenção extremamente cara, difícil, irreal, totalmente irreal. Agora, os investimentos sociais que fizeram lá na área, aquela (?), é complicada. Eu acho que tinha que ser feito, né, tinha que ter sido feita alguma coisa, mas não “piscinão”. Tinham que ser feitos, de repente, parques públicos, piscinas públicas, né, alternativas de valorização, presença do poder público na área. E aí, foi feita uma presença, e aí (*rindo*) criou uma situação difícil pra quem combatia, né, porque a maioria achou um “barato” aquilo. Até novela! Pô, a gente tinha novela fazendo a apologia do “piscinão”! (*rindo*) (*inaudível*).

MF – (*falam ao mesmo tempo*) falar um pouquinho sobre o que é que você vê de viabilidade de reversão do processo de degradação naquela região. Como você consegue imaginar? Tem várias coisas que a gente conversar sobre isso, por exemplo, até uma discussão bem recente, bem atual, que talvez vá para o futuro, ou não, porque você tem ciclos de investimento naquela região, então, se tornou cada vez mais problemático, quer dizer, são sempre ciclos perversos, né, porque eles vão, destroem, poluem, geram infraestrutura para a ocupação industrial ou para a infra-estrutura, mas vem a ocupação humana desordenada, favelização (?), no final eles vão embora, deixam uma região destruída, no caso da Refinaria, eu estou falando principalmente da Refinaria...

EA – Da Refinaria, (*perigosíssimo?*).

MF - ... numa área densamente povoada, uma área de risco. Já houve, que eu me lembro, em 91 teve um acidente importante. A população foi pra rua com o movimento ambientalista para pedir o encerramento da... o fechamento. Aí, dois dias depois, a população vai com um cartaz apoiado pela empresa para pedir a continuidade, porque foi feita uma série de acordos, etc. Quer dizer, o que... E tem uma discussão futura, talvez, de, se essa refinaria fecha, se a gente pode bancar uma articulação política por um centro cultural, comunitário, ecológico. Quer dizer, o que é que é possível, o que você vê de viabilidade naquela região, do curto, médio e longo prazos?

EA – É, eu acho que você...

MF – Vê com otimismo ou não?

EA – Ah, a gente tem que ser... tentar ser otimista, e ter... carregar essa utopia, né? Em termos de saneamento eu acredito que, talvez, apesar do atraso, do (*PDBG?*), tudo isso, eu acredito que...

MF – Tem melhorado, né?

EA – É, tem melhorado. E existe um calendário para o término da fase 1 do PDBG, e, nesse término, vai ser incluída uma grande parte dessa... da região da bacia. Então, eu acredito que em termos de esgoto, de saneamento, talvez se avance um pouco. Bem, em termos do Canal da Maré, resolvido esse problema de controle do sedimento, da poluição do sedimento, tudo isso, e uma ação na bacia como um todo, acho que o canal podia ser feito, e ele pode revitalizar, pode até revitalizar a água da... isso se for muito bem feito, se for muito bem controlado ecologicamente, tudo isso, ele pode ser um fator positivo, pode vir a ser, né? E eu acho que a gente tem que pensar no que você colocou aí com muita clareza, com muita propriedade, com muita clareza, quer dizer, como reverter esse ciclo perverso, né, de uso da área para a atividade... sempre a atividade industrial, atividade... fica estagnada, abandonada, invadida, né, e o que fazer da região da Refinaria, né? Quer dizer, a tendência natural lá seria a expansão urbana, né? A tendência do poder público, sem dúvida, vai ser a de fazer uma expansão do...

T? – Na verdade, o problema da Refinaria, pelo que pode ser visto, é (?) expansão urbana, mas só que, nesse meio, pode gerar um conflito...

EA – É, de...

T? - ... porque lá é uma área de facções criminosas. Então, (*falam ao mesmo tempo*)...

EA – Pois é.

T? - ... justamente no centro dessa (*falam ao mesmo tempo*).

EA – Entre as ruas, é.

T? – Ela pode gerar um conflito um tanto perigoso (??).

FS – Já tá havendo lá, né?

T? – (*falam ao mesmo tempo*)...

EA – É, já tá havendo.

T? – (*falam ao mesmo tempo*)...

EA – Quer dizer, fica (??).

T? - ... para roubar material primeiro, a degradação da propriedade, que é alumínio, objetos que são esquecidos, aí, depois, é como (??) para (?) (*moradia?*). Aí...

EA – É, tinha que se pensar, talvez, em alguma alternativa bem racional, né, de uso da área (*antes?*) do...

FP – Da saída.

EA – É, da saída, e antes que essa visão, né, de uso para a urbanização ocorra. Mas, com certeza, eles vão querer saber bairro proletário naquela área. Pela extensão, pela localização, pela vizinhança, eu acho que a tendência natural vai ser.

MF – É, mas como é que... O que você acha que é possível de reverter em termos de degradação ambiental naquela região?

EA – Bom...

MF – O que é possível de se fazer?

EA – Ah, o esgoto tá caminhando, né, lento, muito lentamente, não é no ritmo ideal, mas tá caminhando. Lixo é problemático, mas aí depende muito da atuação dentro dessas

comunidades, né? Tem uma coisa positiva, que tem alguns projetos pontuais. Tem um projeto... como é... Reciclagem Solidária, que atua na região, (??). É pequeno, é uma coisa mais a nível simbólico, né, eu diria, mas pode ser que, no futuro, traga alguns dividendos. Eles estão atuando com comunidades que fazem a coleta, coleta e reciclagem, a reutilização, é, isso. Quer dizer, é um trabalho complementar nas comunidades, que está resolvendo a questão do lixo flutuante, por exemplo.

FP – É, o que acontece, que o pessoal fala (?) projeto é que eles contratam essas firmas pra ir lá limpar internamente, não... aí é outra coisa, não é lixo, é dragar os canais, os pequenos... os rios, né, os filetes que existem, e as empresas (??) tiram, e volta aquele lixo dentro (?), dentro da (??). Esse problema do sedimento, além de trazer a poluição pra dentro, de qualquer forma manter ali dentro, ele traz aquele... a poluição... quer dizer, olfativa...

EA – Olfativa, o cheiro, é. Entendi, quer dizer, é mais uma agressão, né?

FP – É mais... Aí, até, inclusive, na reunião do PDU, que a gente foi, que (??) reunião (*falam ao mesmo tempo*) (??)...

EA – É, é mais uma agressão.

FP - ... (*falam ao mesmo tempo*) mas eles não sabiam que as empresas que eles contratam fazem isso, né? Então, tem esses outros problemas que correm paralelos a esses programas (*falam ao mesmo tempo*)...

EA – Sei. Vão ter que contornar isso, né, também.

T? – Também fora o detalhe que a parte de dragagem costuma ser em curtos espaços, por exemplo, (?) uma parte que é dragada, e como aqui existem duas passarelas, fica uma grande parte sem dragar. (??) um canal fundo, (?) alto novamente, ele teria mais dificuldade para a água passar ali.

EA – Sei, sei. É, quer dizer, não adianta quase nada, né?

FS – É, não adianta quase nada.

FP – É?

EA – Não adianta sem continuidade, é. Eles têm um projeto, que é aquele do Ecobarreiras, né, (?), barreiras de segurar o lixo flutuante de alguns rios. Mas aquilo também é paliativo, eles seguram uma percentagem muito pequena.

T? – O (?) de alguns rios não poderia ter influenciado nisso, por exemplo, (?) muitos rios, o Canal do (?) (*foi para?*) o Canal do Cunha, (?). Um dos canais (??), que ele tinha várias ramificações que (?) nele...

EA – Isso.

T? - ... mas só que ele foi só centralizado... ele, somente ele. Aí, isso daí não poderia ter uma entrada (??) da Baía de Guanabara, assim dizendo? Uma (?) só não dá só... sempre...?

EA – Não, assim, você diz diversificar, né, os pontos de...

T? – É, em vez de vir de vários pontos (?) tudo (*falam ao mesmo tempo*)...

EA – Em vez de... num só.

T? - ... num ponto só.

EA – É, não, isso é (?), isso é problemático, é. Bom, isso é uma das razões da degradação da área, foi essa, quer dizer, fizeram aterro, encompridaram... Uma outra questão que a gente esqueceu, da região lá, as inundações do Faria-Timbó, né, que tem ligação direta com os aterros e com o assoreamento, quer dizer, encompridaram os canais, e reduziram a inclinação, né, e eles estão assoreados, continuam assoreados. Então, a tendência de inundação é freqüente, muito freqüente.

MF – É, tem uma outra coisa que lembra também a situação da área de Nova Orleans, que lá também era uma região de manguezal intensa, totalmente destruída, e o manguezal tem um papel importante na contenção das áreas inundadas, né, (*falam ao mesmo tempo*)...

EA – Isso, isso.

MF - ... (*exatamente?*) uma área de adaptação de variação de maré, e a destruição de manguezal, associado ao próprio... ao aterro, ela radicaliza o processo todo de enchente na região, né?

EA – É, mantém esse papel, né, de fixador de margem, de sedimento.

MF – É possível voltar algum daqueles rios a ficar vivo?

EA – Eu acho meio difícil, quer dizer, com o processo de urbanização então eu acho muito difícil. Já se pensou em... quer dizer, tem essa idéia de restabelecer a navegação do... ah, a circulação do Canal da Maré que pode dar uma vitalidade para a área, mas aqueles canais antigos que circulavam as ilhas do Fundão, eu acho que dificilmente, né. O próprio Fundão não vai permitir que se corte. Se poderia fazer algum corte lá (*tossindo*) ligando, por exemplo, a área de (?) com a área do Canal da Maré. É uma idéia que se teve aí para melhorar a circulação da área, mas vai ser inviável, (?), uma idéia que acho que não tem muito futuro.

MF – É, porque você falou que alguns rios já estão totalmente mortos, mas...

EA – Totalmente mortos, é.

MF - ... (*falam ao mesmo tempo*) tem garças que vivem...

EA – Não, tem garças, isso, é.

MF - ... quer dizer, (*falam ao mesmo tempo*)...

FS – (*falam ao mesmo tempo*)...

MF - ... se alimentam de barrigudinhos, né, que se alimentam de uma pequena população de peixes que vivem em situações extremas de poluição...

EA – (*falam ao mesmo tempo*), é. Agora, garça não é um bom indicador de (*falam ao mesmo tempo*), que (*falam ao mesmo tempo*)...

T? – (*falam ao mesmo tempo*) saída deles mesmo.

EA – É, eles aceitam...

T? – (*falam ao mesmo tempo*) rios também que raramente, mas aparecem lá. (*falam ao mesmo tempo*)...

EA – Sei.

T? - ... rios, eu não sei se... tinha um jacaré aqui... (?) do rio, (?) (*falam ao mesmo tempo*)...

EA – É.

T? - ... rio (??), se alimentava de dejetos de corpos que vinham...

EA – Ah, é, né?

T? - ... (*falam ao mesmo tempo*) (?).

EA – Caramba! (*rindo*)

TF – (*inaudível*)?

T? – Não sei se pode ser (?) indicador.

TF – A garça... por que você falou? Eu também já ouvi falar.

EA – Não, a garça é uma oportunista, né, é genérica, ela come tudo, come qualquer coisa que se mova, (*falam ao mesmo tempo*)...

TF – É um urubu branco?

EA – É um urubu branco, é, e não é um bom indicador de qualidade, de sanidade, né, ambiental. E aquela área é uma área onde o peixe entra pela maré, e fica agonizante, que (?) que ele entra, fica aprisionado ali, né, aí, vai morrer. E nessa que vai morrer, aí a garça já vem e...

FS – Vai lá e come.

EA - ... vai lá e come, é. (?) justamente ali, naquela área da Maré. (*Pega?*) só um (?) ali, tá, Marcelo, só uma espiadinha para ver como está o processo, né? (*interrupção da fita*)

*A Fita 1 não foi gravada integralmente (aproximadamente 58 minutos).

Fita 2 – Lado A

TF – Entrevista com o professor Elmo Amador, fita número 2, no dia 08 de setembro de 2005. A fita número 1 saiu com data errada, por favor corrija.

MF – Uma das coisas que a gente também gostaria de... a gente já começou a falar um pouco, mas eu não sei se isso vai dar certo ou não, mas uma perspectiva um pouco desse trabalho de fazer a história ambiental, e de fazer uma fusão entre a discussão da Saúde e meio ambiente com a História, é também explorar a possibilidade de criação de novos simbolismos e relações das pessoas com o ambiente que em vivem. E aí, então, tem duas coisas que a gente queria explorar mais com você. Uma você já começou a falar, mas a gente podia pegar os depoimentos seus, eu também vou filmar, sobre a importância... é um pouco da ideia do que era aquilo até 1920, em termos de animais e de vegetação, de dinâmica, de importância de processo de funcionamento de ecossistema saudável, e de produção de vida, né, a gente já falou muito sobre aquilo que foi perdido depois disso, para falar um pouco da vida, dar elementos sobre o que é que era isso, (?) a vida da Baía de Guanabara, a vida do manguezal, a vida daqueles rios. E depois, mais à frente, falar um pouco sobre... bom, dado que é impossível isso voltar a ser o que era porque já foi tão violentamente, dramaticamente alterado, mas, pelo menos, do ponto-de-vista de alguns espaços de melhoria de esgoto, etc., mas, além disso, o que você vê da possibilidade de reflorestamento, de melhorias de rio, ou de coisas que fizessem as populações, em particular as comunidades, se identificarem com essa história do passado para o presente, pensando alguma possibilidade de futuro.

FP – É, num sentido, né, que desse algum (*elemento?*) para eles (*terem?*) (?) (*acreditar?*), né, (*rindo*) (*falam ao mesmo tempo*)...

MF – Exatamente, é.

EA – (*Isso aí?*).

FP – ... em torno de que a gente poderia (*falam ao mesmo tempo*)...

EA – Um (*falam ao mesmo tempo*).

MF – (*falam ao mesmo tempo*), não só de um passado que se perdeu, que nunca vai voltar, mas um passado que é importante relembrar pra aprender com ele, e pensar que futuro de curto e médio prazo a gente pode ter de horizontes de repensar aquele território. (?), então, falando, primeiro, um depoimento mais sobre o que é que era a vida, né...

FP – (*falam ao mesmo tempo*), mas aí, a gente vai ter que fazer um... (?) como depoimento, dele fazer uma... um lembrete pra ele (*rindo*), porque é tanta coisa!

MF – Não, na essência é só isso, né, o passado da vida, esse passado...

FP – Só pra... né?

MF - ... o que era, e um pouco o futuro.

EA – Bem, num passado mais remoto, né, a região era ocupada pelos tamoios, né? Quer dizer, em torno das ilhas e do... aqui do litoral, né, da enseada, existiam diversos remanescentes dessas ocupações antigas, restos de sambaquis... Lá no próprio Fundão, onde eu estudava, lá, de vez em quando, eles faziam uma obra lá, e esbarravam numa... E o que se tem notícia é de que a área sempre foi produtivamente muito alta, teve sempre uma produtividade muito alta. Quer dizer, os tamoios singravam aquela área, e entravam nas... bem para o interior, nos afluentes do Faria-Timbó, contornavam as ilhas, né, contornavam as ilhas... Bem, isso deu lugar depois, mais tarde, a uma outra forma de ocupação, além da ocupação do interior pelos engenhos, né, a uma outra forma de ocupação, a ocupação pela população do litoral, quer dizer, pescadores, como se fossem, assim, caiçaras, como se fossem continuidade daquela forma de vida dos tamoios, né, antigos, quer dizer, povos pescadores que também viviam na área... A área teve muito o que a gente chama de “portos francos”. Portos francos eram locais de atracagem de pequenas embarcações, né? É uma característica muito marcante da área, como foi também o litoral de São Gonçalo, Niterói. E nesses portos francos se fazia a troca de mercadoria, né, a venda de mercadoria, (?) é essa a vida que se tinha na área, e utilizando a riqueza biológica que o ecossistema permitia, né, que o encadeamento de ecossistemas permitia (*aqui?*). Aí, lembrando, seria ecossistemas: restinga, praia, manguezais, brejos, alagados, e a própria Mata Atlântica. Quer dizer, esse encadeamento todo garantia para a área uma elevada produtividade que era amplamente, sempre foi amplamente utilizada. Quer dizer, essa região, inclusive, era área de abastecimento do Rio de Janeiro, quer dizer, o pescado dessa região é que abastecia o Rio de Janeiro. Então, esse é um dos quadros que a gente tem que lembrar, né, como um cenário, um panorama que ficou durante muitas décadas, séculos, de repente. É claro que hoje o quadro é bem diferente, né, mas a gente, de uma certa forma, ainda tem pescadores na Baía, alguns oriundos da área, outros oriundos de outra área, tentando restabelecer o que foi perdido desse cenário primitivo. Estou meio... (*rindo*) não ficou muito claro, né? Minha memória tá meio fraquinha, né?

MF – Não, não, (*falam ao mesmo tempo*)...

EA – (*falam ao mesmo tempo*) tá meio baixo.

MF - ... de falar um pouco dos principais (?) das características de flora e fauna que você consegue pensar para a região de manguezal dessa região, o que é que era de exuberância e de... que alimentava a economia, mas não necessariamente a economia, mas também a... exemplificar a riqueza desse ecossistema, essa vitalidade, essa produtividade.

EA – Bom, pois é, a produtividade biológica da área se traduzia em uma grande oferta de alimento, né, de peixe, camarões, moluscos, samanguiás, enfim, diversas formas comestíveis, né, e também de animais que habitavam esses diversos ecossistemas. Mas existia um encadeamento perfeito, né, da riqueza, da produtividade de cada ecossistema, com outro, quer dizer, esses elos conseguiram funcionar muito bem, e garantiam um equilíbrio, né, a gente pode chamar de um equilíbrio, saudável aí, do homem com a natureza. (?) muito (*rindo*).

?? – Não, (*inaudível*).

EA – Tá bom? Eu não estou muito...?

FS – Agora, Elmo, enquanto a denominação dessa região, a gente encontrou documentos de época que já falam dessa região como “Baixada Fluminense”, e a idéia que nós temos de hoje é que a Baixada Fluminense é mais para Caxias... Mas toda aquela região já era considerada Baixada Fluminense, assim, Inhaúma, Manguinhos, segue adiante...?

EA – Não, bem, aí vamos tentar ver, bem, em termos rigorosos, né? Em termos rigorosos nós temos um escalonamento de relevo e serras, né, Serra do Mar e Maciço Litorâneo. São dos grandes blocos de relevo elevados no... durante um falhamento, né, que foi reativado num período geológico recente, no Cretáceo. E entre esses dois blocos nós tivemos blocos rebaixados e em posições diferentes. Então, o bloco mais rebaixado é o que nós chamamos de Baixada Fluminense. E essa região fica num bloco intermediário, fica entre blocos intermediários, (?) quase o... quase o bloco principal, mas fica próximo dos blocos intermediários, e não é a baixada típica, né, mas é uma região entre... Se você pegar em termos *lato sensu*, aí seria, porque ele está entre os dois grandes maciços, Maciço Litorâneo e a Serra do Mar. As ilhas, essas ilhas que existem na Baía de Guanabara, né, que pegam aquela região, que é aquela... pegam o arquipélago do Fundão, a Ilha do Governador, enfim, naquela região se concentram acho que mais de 90% das ilhas da Baía. E essa concentração vai ter uma razão de ser, que a Baía de Guanabara, que foi produzida pelo afogamento marinho, né, de um antigo vale, né, fluvial, naquelas áreas existiam níveis intermediários, níveis de colinas intermediárias, e o mar afogou aquela área, e essas ilhas são os topos das elevações antigas, então, é uma área intermediária. O resto é baixo, né, Magé, Caxias, Itaboraí, São Gonçalo, e ali, onde existem as ilhas, ficavam os níveis intermediários, intermediários como um degrau, antes de chegar ao Maciço Litorâneo.

FS – É, porque a empresa que trabalhou ali nos aterros chamava Empresa de Melhoramentos da Baixada Fluminense.

EA – Da Baixada. Ah, sim, mas era o nome dela, o nome genérico, é, mas não era...

TF – (*falam ao mesmo tempo*) aterros de...

EA – De localização.

TF - ... (*fala ao mesmo tempo*) geográficos (*falam ao mesmo tempo*)?

EA – Não, não é, não é, ele é um intermediário, é uma situação intermediária.

FS - (*inaudível*)?

EA – É, todas essas empresas eram empresas de melhoramentos, né?

FS – Melhoramentos, é, (*falam ao mesmo tempo*)...

EA – É, melhoramentos, saneamento...

MF – Saneamento... É tudo gente boa.

TF – (*falam ao mesmo tempo*) (*rindo*).

EA – Tudo gente boa, tudo pra o bem, é. (*rindo*)

MF – Tudo pra o bem.

FS – Tinham (?), né, (*falam ao mesmo tempo*)?

EA – É.

MF – É, tinha um pouco... A gente já falou um pouco, mas eu não sei se vale a pena a gente aprofundar mais sobre isso, pensando, por exemplo, se tem uma área enorme como aquela da região da Refinaria – que é uma área que ainda tem uma região ali de um manguezal morto, né, com alguma vegetação (?) remanescente, né, e cruzada pelo meio da Avenida Brasil, de um lado favelas e criminalidade, região de aterro, e o Canal do Cunha – quer dizer, o que é que seria possível, o que você aconselharia imaginar que não fosse ocupação urbana e bairro... projeto urbano proletário, ali, de urbanização, que também não deixa de ser uma melhoria...

EA – É, é uma melhoria.

MF – Mas, de repente, a gente tá entrando numa até de pensar que aquilo lá pode ser uma coisa que possa ser ecologicamente resgatada, e, de repente, o melhor daquilo lá mesmo é fazer bairro...

TF – Fazer casa.

EA – Fazer casa.

MF - ... fazer casa para as pessoas.

EA – É, de repente, casas mais organizadas, né, num padrão melhor, mais (*falam ao mesmo tempo*)...

MF – (*falam ao mesmo tempo*) planejadas...

EA – Planejadas.

MF - ... (??)... A pergunta é: quais são caminhos possíveis? Porque a gente tende a achar que aquilo lá já tem tanto saturamento que qualquer novo saturamento seria ruim...

EA – (*Péssimo?*), sem dúvida.

MF - ... inclusive o saturamento de casas, ainda que organizadas. Agora, se não fosse isso, tem que ser algo que tenha um atrativo do ponto-de-vista cultural, de geração de emprego, de resistência, e também de reversão de quadro.

FS – Acho complicado isso, né?

MF – Aquilo lá pode ser símbolo de alguma reversão de quadro ambiental?

EA – É, pode, eu acho que, poder, pode. Agora, só lembrando um detalhezinho, né? Aquela área da Refinaria e ali do conjunto é uma região muito baixa, né aquela área... E essas regiões baixas têm ameaça, a gente não pode esquecer isso, ameaças...

MF – (*falam ao mesmo tempo*) (*próximas décadas?*) (*falam ao mesmo tempo*)?

EA – É, não é uma coisa rápida, mas a ameaça do efeito estufa, né? A Baía de Guanabara seguramente tem um registro já de elevação do nível do mar. E essas áreas baixas...

MF – (*falam ao mesmo tempo*)?

EA – Hã?

MF – Isso na última década?

EA – É, não, já tá havendo uma elevação que pode ser até de um centímetro, até quase um centímetro por ano, o que é muito grande, embora se discuta a velocidade, né, mas os registros do mareógrafo da Baía já estão indicando. E é uma coisa global, né, a elevação do nível do mar associado ao efeito estufa, é uma coisa global que hoje não é mais questionada, não é mais... O que se pode discutir é (?). E o efeito, o reflexo disso naquela área é um reflexo perigoso, quer dizer, mesmo para os conjuntos que já... os conjuntos residenciais que já foram criados na área já vão estar vulneráveis, né, que já têm uma vulnerabilidade, aqueles conjuntos novos, mesmo os bem organizados.

FS – (*falam ao mesmo tempo*) a Vila do João (*falam ao mesmo tempo*)...

EA – A Vila do João e...

FS - ... (*falam ao mesmo tempo*)...

EA - ... e aqueles em torno da Refinaria.

T? – (*falam ao mesmo tempo*) dois metros abaixo ainda se encontra água.

EA – É.

T? – (??) dois metros, você cava para se fazer uma obra, começa a minar água por baixo.

EA – Então, em qualquer planejamento que se pense, qualquer previsão de uso para a área, a gente não pode abstrair essa possibilidade desse risco potencial. Quer dizer, um novo bairro, um novo... vai ter que conviver com essa realidade, né, conviver com a possibilidade de ter que conviver com a elevação...

FS – É, mas se não se fizer um planejamento vai ser ocupado do mesmo jeito, então...

EA – Vai ser ocupado do mesmo jeito, é.

FP – É, e o que o Tiago sempre chamou a atenção era a questão de como vai ser ocupada por causa da briga... porque aquilo ali é um lugar estratégico (*falam ao mesmo tempo*)...

EA – Separa dois...

FP - ... comando. Quer dizer, se não, né, não se toma uma atitude é mais por questão da violência que propriamente ambiental, porque tem essa... essa... (*inaudível*). É isso que você quer dizer quando você chama a atenção, né? Ali vai ser um... é margem da Avenida Brasil.

EA – Aí vão ter que se curvar a essa realidade também, né, no planejamento, claro.

FP – Não é?

MF – É, é, inclusive, as últimas ocupações, todas, né, recentes, são efetivamente gerenciadas, assim...

TF – Gerenciadas pelo tráfico.

FS – É.

MF - ... quase todo o processo pelo tráfico: a invasão, a distribuição de lotes, etc., etc.

T? – E mesmo as que não são, chega a um ponto que... quando chega no ouvido do tráfico ele toma parte e se torna o poder máximo, decidindo quem (*falam ao mesmo tempo*), (*por exemplo?*)...

EA – Caramba!

T? - ... muitas pessoas já mataram (*um cara?*). Se ele não gostar aquelas pessoas são obrigadas a sair para deixar quem eles querem.

EA – (??). Nossa Senhora! Bom, aí, sem dúvida, se não for criada uma iniciativa forte, bem definida, para a área, não tem dúvida de que eles vão conduzir esse processo, é.

MF – Mais é isso um pouco o que eu estava querendo extrair de você, que até agora você não deu nenhuma pista, assim, se existe ou não algum sentido real de uma área do corte da Refinaria de servir do ponto-de-vista de reversão de degradação ambiental naquela região, de preservação de alguma...

TF – E se fizesse... A pergunta é: se fosse feito algum investimento ali, no sentido (*falam ao mesmo tempo*)...

EA – No sentido ambiental.

TF - ... se teria como aquela área conseguir reverter o quadro...?

MF – Em algum nível, em algum nível...

TF - ... em algum nível?

MF - ... ou preservar...

TF – O que poderia ser feito ali...?

MF - ... preservar em termos de ampliar alguma área de manguezal, nem que fosse de vegetação remanescente, que possa estar presente sem outros tipos de espécies, e que pudesse se pensar aquilo como uma espécie de...

FP – (*falam ao mesmo tempo*).

TF – Uma reserva.

FP – (*falam ao mesmo tempo*)...

TF – (*falam ao mesmo tempo*)...

MF - ... um parque que... (*implantado?*), e que tivesse um projeto também comunitário de cultura, geração de emprego, local... Quer dizer, a gente tem que...

TF – (*Mas?*) em termos de meio ambiente, não sei, não sei se (?) seria (*essa?*), quer dizer, tudo bem que é legal fazer um parque pra recreação e tal. Só que a comunidade vai dizer assim: “Não quero parque, eu quero morar, quero água, quero (*falam ao mesmo tempo*), né?”

EA – É prioridade, né?

?? – (*falam ao mesmo tempo*).

TF – Uma outra possibilidade é se fazer uma área de revitalização ambiental, (*falam ao mesmo tempo*)...

MF – Uma central de tratamento (*falam ao mesmo tempo*).

FP – (*falam ao mesmo tempo*) natural, alguma coisa assim, mais (*falam ao mesmo tempo*)...

EA – Entendi, é.

TF – É, eu acho que um (*falam ao mesmo tempo*)...

?? – (*falam ao mesmo tempo*)...

TF - ... se existe essa possibilidade.

MF – Se existe, é, que pudesse estar junto também a oferta de emprego local, e também (?) de revitalização econômica...

TF – É, mas aí são duas questões diferentes, quer dizer, uma me parece ambiental, né, (*falam ao mesmo tempo*)...

T? – (*falam ao mesmo tempo*)...

MF – Não, não, que eu acho que (*vão ter que andar junto?*) (*falam ao mesmo tempo*) comunidade (*falam ao mesmo tempo*) anda junto (?), né?

TF – Não, tudo bem...

T? - ... uma central de tratamento, por exemplo, (?) tanto o emprego quanto a reestruturação ambiental.

MF – Não, (?) central de tratamento é aquela que foi criada... que está... que inclusive recebe só (*falam ao mesmo tempo*)...

T? – (*falam ao mesmo tempo*)...

MF - ... atualmente uma quantidade de 5% ou (10?)%, né?

T? – (*falam ao mesmo tempo*)... Falam que ali teria acho que (?) entre a Baía de Guanabara e teria acesso ao rio, um rio que tem uma grande carga, poderia ser um exemplo, não que pudesse ser esse exatamente.

MF – Não, mas o (?) já foi criada ali uma grande área de... Todo esgoto previsto está indo para aquela região, fica lá depois, do lado de lá da Avenida Brasil. Qual é o nome daquela central (*falam ao mesmo tempo*)...?

FP – (*falam ao mesmo tempo*).

T? – (*falam ao mesmo tempo*), onde que, (?) atualmente (*falam ao mesmo tempo*)...

EA – Da Penha, né?

FP – (*falam ao mesmo tempo*)...

T? – Da Penha, é, vai ser abandonado. Aí, como (?) conciliar (?) fontes de emprego com uma certa estruturação ambiental, uma central de tratamento, que (?) fica próximo à Baía...

FP – (*falam ao mesmo tempo*).

T? - ... e esgoto.

MF – Não, mas é isso que eu estou dizendo, já tem, já tem...

EA – Já tem, já tem (*falam ao mesmo tempo*).

FP – (*falam ao mesmo tempo*)

MF - ... e atualmente está totalmente subutilizada.

FP – (*falam ao mesmo tempo*) (*projeto?*) de...

TF – Mas acho que o Elmo (*deve nos ajudar?*) aqui...

FP - ... (*falam ao mesmo tempo*) uma grande... unir a arte com reciclagem, alguma coisa (*falam ao mesmo tempo*) assim, né?

MF – É, (*falam ao mesmo tempo*).

TF – Agora, quer dizer, emprego é um... não vai ter como (*nos?*) ajudar nesse sentido (*rindo*).

EA – Não...

TF – (*falam ao mesmo tempo*) é o seguinte, ainda existe uma... você conseguiria pensar num projeto, né, (?) fazer um projeto, mas se pensar, né, como dica pra gente, num projeto de revitalização, né, daquela área, entendeu? Quer dizer, adiantaria a gente investir, por exemplo, num diálogo com o governo, de implantar ali uma área de revitalização biológica, é só uma questão ambiental. Se vem mão-de-obra ou se não vem é uma questão importante, é, mas você acha que aquilo adianta algum investimento ali nesse sentido?

EA – Eu creio que sim, é.

TF – Que tipo de investimento, que tipo de...?

EA – É, talvez não em toda a extensão da área, né? Não, olha, para o Fundão, por exemplo, para o Fundão, o Fundão sofreu aqueles aterros todos, e isso aí trouxe uma marca muito ruim, criou uma artificialização do litoral do Fundão. Então, nós propusemos lá para o Fundão... tem... foi feito, tem um projeto, eu não sei a quantas andou aí depois, de revitalização do litoral do Fundão, de tornar ele natural de novo, tentar fazer ele ficar natural de novo...

TF – Com manguezal, seria isso?

EA – É, com manguezal, e onde estiver muito artificial, muito (*perto?*) de tentar amenizar, né, enfim, dar um contorno mais natural.

MF – (*falam ao mesmo tempo*) fazer uma reversão do saneamento artificial...

EA – Fazer... isso, fazer uma reversão.

MF - ... (*falam ao mesmo tempo*)...

EA – Isso. É, corrigir aqueles impactos negativos do... parte deles, né, que é na parte visual, pelo menos, parte estética e parte funcional mesmo. Isso também poderia ser feito para a área do... uma parte da área do... uma parte, não digo pra todas, que aí vai ficar complicado porque a área é grande, né, a área da Refinaria é muito grande. Mas ali, por exemplo, entre a Refinaria e o Instituto Oswaldo Cruz, tem uns... (??) de sítio arqueológico, né?

?? - (??)?

EA – Tem.

?? - Tinha, (*sítio arqueológico?*).

EA – Tinha, né, é, tinha. A Conceição Beltrão, inclusive, andou por lá. Vocês podiam entrar em contato com ela.

?? – (*falam ao mesmo tempo*)...

FP – (*falam ao mesmo tempo*)...

TF – Mas parece que a Conceição foi... não deu certo, não, (*falam ao mesmo tempo*)...

EA – É, não deu muito, mas...

TF – ... (*falam ao mesmo tempo*) lá uns ossos de cavalo...

EA – Ah, é, é? Ah, é, porque eram do...

TF – (*falam ao mesmo tempo*) sítios arqueológicos eram de cavalo. (*rindo*)

EA – Ah, não era...?

FP – (*falam ao mesmo tempo*) de gente.

EA – Não era real, né?

FS – É, e (*falam ao mesmo tempo*) sabe que foram pelo (*falam ao mesmo tempo*).

FP – (*falam ao mesmo tempo*)...

TF – É, (*falam ao mesmo tempo*)...

EA – Pelo Instituto.

FP – (*falam ao mesmo tempo*)...

FS - ... pelo Instituto.

MF – Para a construção da (*falam ao mesmo tempo*).

FP – (*falam ao mesmo tempo*)...

TF – (*falam ao mesmo tempo*)...

FS – Foram testados mesmo para cobaias (*falam ao mesmo tempo*)...

EA – Testados para cobaia. Ah, então, esse foi o sítio, que eu pensei que tinha...

TF – Não era, (*falam ao mesmo tempo*)...

EA – Não era, então, não deu certo.

MF – Não deu certo.

TF – (???)

EA – Ah, tá, então, tá. Porque ela, na época, levantou...

FP – (*falam ao mesmo tempo*) (*rindo*) contemporânea.

MF – (*falam ao mesmo tempo*).

EA - ... levantou muitas possibilidades, né, quer dizer...

TF – É, mas não...

EA - ... (*falam ao mesmo tempo*).

FS – Eu não sei se ainda tem alguma ruína jesuítica, isso eu não sei se...

EA – Pode ter, é.

TF – Mas o que ela encontrou não foi isso.

EA – É, não foi, mas deve existir outros sítios na região, né? (*falam ao mesmo tempo*)...

TF – A própria Fundação que investiu nessa busca.

EA – É, né? Eu acho que alguma coisa que resgatasse o... alguma área que tivesse a memória do local, do ambiente, alguma coisa que fosse parque público, e concentrasse alguns equipamentos, museu, museu, amostragem de...

TF – Equipamentos o quê, que você está dizendo, de... (??).

EA – É, de lazer... Bem, biológico de dar um contorno mais natural, dar um contorno mais natural, se tiver mangue, restaurar mangue, mas dar uma coisa natural.

TF – Porque o que tem ali são os rios em volta...

EA – É...

TF – ... (*falam ao mesmo tempo*)...

EA - ... o rio... em torno do rio pode surgir mangue porque a área é salobra.

TF – (*falam ao mesmo tempo*) mangue, uma área de manguezal, ali na encosta do rio, não sei nem se é (?) parte cimentada aquela encosta, não me lembro. Naquela encosta do rio haveria possibilidade de recuperação mínima da...?

EA – Não, porque o mangue, ele... a tendência dele é se fixar no substrato mole, né? Ali... na verdade, ali no rio já existe um barranco, né? Como foi artificial, foi feito aterro e um barranco com corte, aí, vai ser difícil ter mangue ali em cima. Teria mangue se fosse feita uma...

TF – (*falam ao mesmo tempo*) indo...

EA – É, isso, se fosse baixo e banhado pela água. Nessa área seca mangue não teria, talvez pudesse ter vegetação, como pode ter uma vegetação satélite de mangue, né, aqueles hibiscos, por exemplo, hibiscos... aquela flora que não faz parte da parte molhada, né, que é molhada pela oscilação da (?) do mangue, mas que está no entorno do mangue, aí, acho que poderia, quer dizer, (*área?*) suportadora de sal, né, que a salinidade ali deve ser alta... Eu estou lembrando assim, por exemplo, os hibiscos, que é bonito aquele hibisco, que é bonito. Tem outros que são associados, né?

MF – Acho que tudo isso é uma discussão que, se uma coisa dessa andasse, se teria que reunir uma comissão de especialistas, por exemplo, eu (*conheço também?*)... lá na Fiocruz tem uma moça chamada Márcia (?), que discute muito a importância do ecossistema da própria região de Manguinhos, que apesar de estar meio uma favelização atual dentro, com a construção de tantos prédios, um do lado do outro, mas o campus da Fiocruz é um bolsão verde que mantém uma importância estratégica até nesse processo de destruição. Ele é um santuário de deslocamento de algumas espécies de pássaros...

EA – É verdade.

MF - ... por exemplo, sabe, que existem, e que utilizam aquela área verde num contorno tão grande, entre a serra ali, do Maciço da Tijuca, e o mar, você tem uma série de passagens, né, que, às vezes... de aves até que vêm de locais mais distantes, que utilizam aquele espaço. Então, teria que se pensar...

FS – Mas é um santuário que teve que ser protegido por lei, tem um tombamento pelo Iphan (*falam ao mesmo tempo*)...

MF – É, é, exatamente, não, exatamente, mas algo...

EA – (*falam ao mesmo tempo*).

MF – Para fazer um projeto desse tipo, com tantas pressões de um lado, e de pressão imobiliária, de pressão (?) de outras fontes de ocupação industrial, de pressão do narcotráfico, pressão da população para outra... para novos projetos imobiliários, e articulação política do poder do governo do estado e do município para ver qual faturamento político é mais interessante, tem que ser um projeto muito bem montado e muito bem brindado, com instituições de diferentes níveis, e... ambientalista, Governo Federal, Campanha da Paz, geração de emprego, é a única alternativa de uma coisa dessa dar certo, porque, inevitavelmente, aquilo lá vai ser fechado, e, imediatamente, já vai vir a ocupação e violência.

EA – Com certeza.

MF – Essa é a lógica a que tudo leva, né? Ou então, são soluções outras, mas que vão passar, não por reversão social, ambiental, do território. É um projeto muito complicado esse, muito complicado (??).

FS – (*inaudível*)...

EA – Bom, eu (??), não estou no melhor dia, eu estou meio...

MF – Não, (*falam ao mesmo tempo*)...

EA - ... (*sei lá?*), com a minha doença a minha memória está meio fraquinha...

TF – Eu acho que a gente podia marcar com você uma outra vez, se você pudesse, para a gente fazer uma história de vida dele, entendeu...

MF – Certo, (*falam ao mesmo tempo*)...

TF - ... (*falam ao mesmo tempo*) formação, como é que é essa questão ambiental – hoje (??) – como é que essa questão ambiental está se colocando, porque a gente ia perceber em termos, inclusive, dentro da história do Rio, né, como é que um ambientalista, e como é que essa disciplina foi se impondo, né, (*falam ao mesmo tempo*).

MF – É, (*falam ao mesmo tempo*)...

EA – (*falam ao mesmo tempo*).

MF - ... como é que ela vai se aproximando do ambientalismo...

TF – (*falam ao mesmo tempo*) marcar com você...

MF - ... ao pensar (??).

EA – É, também.

TF – É, podia marcar com você. Como é que a gente faz?

EA – Ah, a gente...

TF – Vamos primeiro (?) encerrar aqui, que a gente... tá? Encerramos, encerramos a entrevista?

EA – Tá bom.

MF – Que ele é um professor e um ecologista radical, né, uma referência...

EA – É, meio radicalzinho. *(rindo)*

MF - ... *(para as duas áreas?)*, *(falam ao mesmo tempo)* ambiental *(falam ao mesmo tempo)*...

TF – Obrigada, professor.

EA – De nada, um prazer.

MF - ... *(falam ao mesmo tempo)* aqui da região.

*A Fita 2 não foi gravada integralmente (aproximadamente 25 minutos do lado A).